



Augusto Assad Luppi Ballalai
Carla Giselle Duenha de Souza
Maria Eugênia Rodrigues Luz
(Organizadores)

MÉTODOS AUTOCOMPOSITIVOS JUSTIÇA RESTAURATIVA

Volume I



AUGUSTO ASSAD LUPPI BALLALAI
CARLA GISELLE DUENHA DE SOUZA
MARIA EUGÊNIA RODRIGUES LUZ
(Organizadores)

**MÉTODOS AUTOCOMPOSITIVOS JUSTIÇA
RESTAURATIVA**
Vol I



2021 Uniedusul Editora

Copyright da Uniedusul Editora

Editor Chefe: Profº Me. Welington Junior Jorge

Diagramação e Edição de Arte: André Oliveira Vaz

Revisão: Os autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

M593 Métodos autocompositivos: justiça restaurativa: volume I /
Organizadores Augusto Assad Lupi Ballalai, Carla Giselle
Duenha Souza, Maria Eugênia Rodrigues Luz. – Maringá, PR:
Uniedusul, 2021.
16 x 23 cm

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-80277-68-1

1. Justiça restaurativa. 2. Autocomposição. 3. Judiciário.
I. Ballalai, Augusto Assad Lupi. II. Souza, Carla Giselle Duenha.
III. Luz, Maria Eugênia Rodrigues.

CDD 347.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

Permitido fazer download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos
créditos aos autores, mas sem de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.uniedusul.com.br

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	19
FLORESCER: UMA JORNADA RESTAURATIVA E REGENERATIVA	
Adriana Accioly Gomes Massa Vanessa Rafaela Lobato	
CAPÍTULO 2	47
O CEJUSC COMO MEIO DE PROMOÇÃO DA AUTOCOMPOSIÇÃO ATRAVÉS DA JUSTIÇA RESTAURATIVA	
Augusto Assad Luppi Ballalai Luciana Assad Luppi Ballalai	
CAPÍTULO 3	75
SISTEMA PRISIONAL E JUSTIÇA RESTAURATIVA	
Carla Giselle Duenha de Souza	
CAPÍTULO 4	107
PRÁTICAS RESTAURATIVAS E NEOCONSTITUCIONALISMO: A EFETIVAÇÃO DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS	
Carolina Ellwanger	
CAPÍTULO 5	131
JUSTIÇA RESTAURATIVA E DIVERSIDADE ÉTNICO- RACIAL: POLÍTICAS PÚBLICAS DE MEDIAÇÕES DE CONFLITOS EM ESCOLAS DE BELO HORIZONTE	
Claudia Elizabete dos Santos Augusto	
CAPÍTULO 6	159
VALORES DA JUSTIÇA RESTAURATIVA NOS PROCESSOS CIRCULARES: INCENTIVO À CULTURA DA PAZ	
Cristina Arakaki Maria Eugênia Rodrigues Luz	

CAPÍTULO 7 193

VIOLÊNCIAS NA INFÂNCIA E A IMPORTÂNCIA DOS
CÍRCULOS RESTAURATIVOS PARA O RESGATE DE
VÍNCULOS SOCIAIS PRIMÁRIOS

Cristina Silveira Braga de Souza
Elaine Cristina Francisco Volpato

CAPÍTULO 8 215

CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ E O
DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS
RELACIONAIS E DE AUTONOMIA MORAL

Eliane Castro Vilassanti

CAPÍTULO 9 245

PESQUISA QUALITATIVA SOBRE A IMPORTÂNCIA
DA PARTICIPAÇÃO DE PSICÓLOGOS EM CÍRCULOS
RESTAURATIVOS

Heliane Fatima Maia Zago
Roseméri Simon Bernardi

CAPÍTULO 10 279

OLHARES DA PSICOLOGIA E DA PEDAGOGIA
SOBRE CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ E
JUSTIÇA RESTAURATIVA, TAMBÉM NO UNIVERSO
PRISIONAL

Karine Belmont Chaves
Regiane Cristina Tonatto

CAPÍTULO 11..... 309

CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ E MEDIAÇÕES
- MOVIMENTO EM PROL DA PAZ NA ESCOLA: UMA
EXPERIÊNCIA NA ESCOLA PROFESSORA ALDA G.
SCOPEL EM PRIMAVERA DO LESTE-MT

Marina Soares Vital Borges
Maria Eterna Pereira da Silva

CAPÍTULO 12 331

**O ESTUDO DA JUSTIÇA RESTAURATIVA COMO NOVA
PRÁTICA NO ENSINO JURÍDICO**

Morena Paula Souto Derenusson Silveira

Elaine Cristina Francisco Volpato

CAPÍTULO 13 361

**JUSTIÇA JUVENIL RESTAURATIVA: POSSIBILIDADES
E CAMINHOS**

Paula Knapp Welter

Carla Giselle Duenha de Souza

CAPÍTULO 14 393

**FOMENTANDO OS MÉTODOS AUTOCOMPOSITIVOS
EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Paulo Celso Machado Filho

Marcelo Gomes

CAPÍTULO 15 415

**MEDIAÇÃO VÍTIMA-OFENSOR: OUTRO CAMINHO
PARA O ENFRENTAMENTO DE CONFLITOS DE
NATUREZA PENAL**

Vanderlei Teresinha Tremeia Kubiak

CAPÍTULO 16 439

**A EFICÁCIA JURÍDICA DE MÉTODOS ALTERNATIVOS
NAS PRÁTICAS RESTAURATIVAS SOB A ÓTICA DA
ADVOCACIA COLABORATIVA**

Danielli Diana Alves

Diana Fuchs Garcia

CAPÍTULO 1

FLORESCER: UMA JORNADA RESTAURATIVA E REGENERATIVA

ADRIANA ACCIOLY GOMES MASSA

Tribunal de Justiça do Estado do Paraná
<http://lattes.cnpq.br/6813775462786363>

VANESSA RAFAELA LOBATO

Tribunal de Justiça do Estado do Paraná
<http://lattes.cnpq.br/8631758600000127>

RESUMO: A intenção do presente trabalho é apresentar a experiência vivenciada a partir da coconstrução de um projeto voltado a uma unidade prisional feminina, em Piraquara/PR, Brasil, com base nos fundamentos filosóficos e principiológicos da *justiça restaurativa*. A necessidade de vislumbrar novas formas de funcionamento e interações no ambiente prisional surge do atual *estado de coisas institucional*, que ocorre quando é verificada a existência de um quadro de violação generalizada e sistêmica de direitos fundamentais e que fica demonstrado pelo fenômeno do encarceramento em massa no Brasil, exacerbando ainda mais a lógica punitivista, que reproduz modelos relacionais pautados na violência e na exclusão. Assim, a necessidade de buscar novos horizontes torna-se iminente. E é a partir desse contexto que se apresentará uma experiência de criação de novas formas de convivência e funcionamento de uma unidade prisional pautada na justiça restaurativa. Esse processo contou com o fundamento de algumas teorias que contribuíram na construção de um espaço dialógico e colaborativo que culminou na *Jornada Florescer*. Ademais, esse processo de cocriação envolveu muitos atores do sistema, desde os profissionais que atuam nos ambientes prisionais até as pessoas privadas de liberdade e a comunidade, representada pelas instituições da sociedade civil. O envolvimento dos atores no processo vivencial e de experimentação de novos modelos relacio-

nais - pautados na não violência, na colaboração, na restauração e na regeneração do tecido social - foi fundamental para criação de novos significados, que se constituem como base fundante de uma proposta de funcionamento de uma unidade prisional pautada na vida e no bem-estar de todos os envolvidos.

PALAVRA-CHAVE: justiça restaurativa; sistema prisional; regeneração.

ABSTRACT: The present article aims at showing an experience of co creating a project at a female correctional facility in Piraquara/PR, Brazil, based on Restorative Justice principles and in its principles. The need to create new ways of working in the correctional system comes from the Unconstitutional state of affairs that happens when one's fundamental rights are being consistently trampled. This can be demonstrated by the mass incarceration phenomenon further exacerbated by the punitive logic that reproduces relationship models based on violence and social exclusion. It is essential that we look for new horizons. It is from this context that we will present a project which works with new forms of conviviality and organization based on Restorative Justice inside a correctional unit. The "Flourish Journey" is the result of a collaborative process that included many different theories. Furthermore, this co-creation process had the representation of many actors involved in the system, from professionals who work in prison environments as well as people deprived of liberty and the community, represented by civil society institutions. The involvement of actors in the experiential process and in the experimentation of new relational models based on non-violence, collaboration, restoration and regeneration of the social fabric, was fundamental for the creation of new meanings, which constitute the founding basis of a functioning proposal of a prison unit based on the life and well-being of everyone involved.

KEYWORDS: restorative justice; prisional system; regeneration.

1. INTRODUÇÃO

A *Jornada Florescer* foi inspirada nos princípios da *justiça restaurativa* - como a cooperação, a reparação, a reconciliação, o diálogo e a criação de soluções que possam gerar maior bem-estar a todos, e em alguns estudos acerca das ideias de Joanna Macy e Molly Brown (2004), que ressaltam que o atual momento reforça a necessidade de uma profunda mudança de visão de mundo. Esclarecem as autoras que estamos na iminência de uma mudança de mentalidade planetária, em um processo que denominam de *Grande Virada*. E, nesse sentido, percebe-se que a justiça restaurativa e a construção de uma cultura regenerativa voltada para paz e para o bem-estar coletivo fazem parte desse movimento.

Essas ideias de Macy e Brown coadunam com o trabalho de Elizabeth Elliott (2018) sobre justiça restaurativa e sociedades saudáveis, no qual a autora compreende a justiça restaurativa em uma perspectiva mais ampliada: uma forma de construção de uma justiça direcionada ao fortalecimento das relações entre os seres humanos e com o meio ambiente, a partir do desenvolvimento de uma responsabilidade coletiva.

Macy e Brown (2004), a partir dos estudos que envolvem a ecologia profunda e as sociedades sustentáveis, destacam que a humanidade já passou por duas grandes mudanças de mentalidade e, atualmente, estamos entrando na terceira.

Segundo as autoras, a primeira grande mudança foi a *Revolução Agrícola*, em que a humanidade deixou o nomadismo e passou a se estabelecer, fixar-se em territórios, formando cidades e

depois classes. A segunda grande mudança foi a *Revolução Industrial*, cujo modo de produção e trocas foram completamente alterados. E a terceira grande virada, denominada *Revolução Ecológica e Cognitiva*, em que estamos entrando, consiste em uma mudança de mentalidade de uma *Sociedade de Crescimento Industrial* para *Sociedades que Sustentem a Vida*.

Neste momento atual, há um movimento de construção de um modelo civilizatório mais sustentável, que está ganhando impulso por meio de ações planetárias de indivíduos e grupos - que ocorrem simultaneamente - especialmente abrangendo três dimensões: “1) ações para reduzir os danos à Terra e seus habitantes; 2) análise de causas estruturais e a criação de alternativas estruturais; e, 3) uma mudança fundamental de cosmovisão e de valores.” (MACY; BROWN, 2004, p. 32).

As ações atinentes às mudanças que visam reduzir os danos a Terra e a seus habitantes estão relacionadas à redução da pobreza, à segurança alimentar sustentável, à criação de legislações ambientais e sociais mais justas e ao boicote às empresas que exploram o ser humano e ameaçam a vida no planeta, dentre outras.

Dentre as alternativas estruturais, mencionadas pelas autoras, está a defesa da não violência, a incorporação nas comunidades de formas de solução de conflitos dialogadas e pacíficas, os métodos holísticos de saúde e bem-estar - que promovem o desenvolvimento de capacidades de autocura do corpo e da mente - e novos sistemas educacionais que redirecionam o curso de uma educação voltada apenas para servir o industrialismo e que abrem espaço a um aprendizado para a vida.

E, na mudança de percepção de realidade em termos cognitivos e de valores evolutivos, estão as novas formas de convivialidade: formas de convivência saudável com a Terra, consigo e com as pessoas. Esse processo, Macy e Brown (2004) entendem como uma *Revolução Cognitiva*, que tem diversas bases: modelos mais cooperativos de convivência, a partir de um pensamento sistêmico e complexo; da compreensão do planeta como Gaia, um sistema vivo; da Ecologia profunda e da mudança do antropocentrismo para o biocentrismo; da ecopsicologia, do ecofeminismo; do movimento pela vida simples. Tudo isso contribui na formação de uma rede mais sustentável e que pode gerar maior bem-estar a todos os seres vivos do planeta.

A terceira grande virada requer interação, criatividade e cooperação para construir novas formas de fazer e conviver, ações que contribuam na transformação da consciência.

Foi a partir desse chamado para contribuir com a construção e o fortalecimento de uma sociedade que sustenta a vida é que as autoras iniciaram a jornada que será apresentada e que envolveu diversos atores do sistema carcerário, buscando contribuir para a regeneração de um ambiente prisional degradado - e que também degrada as relações intra e interpessoais - para um ambiente que possa sustentar a vida e suas interações.

Assim, o presente trabalho fará, inicialmente, uma breve contextualização do sistema prisional atual, buscando demonstrar a necessidade de construção de novos horizontes mais sustentáveis e que possam realmente contribuir com a ruptura do ciclo de violência, por meio de uma mudança de mentalidade.

Posteriormente, será apresentada a experiência das autoras no processo de construção colaborativa de uma unidade prisional feminina, em Piraquara/PR, denominada Centro de Integração Social (CIS), com a demonstração dos fundamentos filosóficos, teóricos e metodológicos, bem como do desencadeamento dessas ações, que contribuíram com a criação da *Jornada Florescer* e que podem favorecer o fortalecimento de sociedades sustentáveis.

2. O SISTEMA CARCERÁRIO ATUAL: uma contextualização

Inicialmente, antes de adentrar especificamente na possibilidade de inserir princípios restaurativos no contexto carcerário brasileiro, é necessária uma breve contextualização acerca de problemas extremamente importantes em nossa sociedade, em especial a desigualdade social, que tem um impacto direto no *modus operandi* do sistema penal e carcerário, com geração e reprodução de danos estruturais que contribuem com o ciclo vicioso da violência.

Um dos aspectos importantes, ao abordar a desigualdade social evidenciada no Brasil, é a reflexão a partir de uma retrospectiva histórica, demonstrada no estudo realizado pelo Núcleo de Estudos da Violência da USP (NEV-USP)¹, que aponta uma correlação entre o crescimento da pobreza e o crescimento da violência na última década, decorrente da crise social que acompanhou os processos de urbanização devido à hegemonização de um modelo de crescimento econômico exclusivista.

1 Extraído do site <https://nev.prp.usp.br/wp-content/uploads/2015/01/down195.pdf>

Nesse sentido, Loïc Wacquant (2011) explicita a aparição de um movimento, sentido mais fortemente na América Latina, de enfraquecimento do Estado social, por um lado, e, por outro, o fortalecimento e glorificação do Estado penal, ao que denomina de *novo senso comum penal visando criminalizar a miséria*, que se fortalece na ideologia fundada no individualismo e na mercantilização, explicitando a seletividade do sistema penal.

A partir dessa lógica, o processo de criminalização ocorre a partir do estereótipo do criminoso, ou seja, “não é o comportamento, por si mesmo, que desencadeia uma reação segundo a qual um sujeito opera a distinção entre “normal” e “desviante”, mas somente sua interpretação, a qual torna, portanto, uma ação provida de significado” (BARATTA, 2002, p. 97).

Ademais, as raízes do colonialismo na América Latina, engendradas na violenta lógica exploratória, além de presentes nas entranhas culturais e na forma da sociedade se constituir, reproduzem-se em uma nova roupagem denominada por *neocolonialismo*, marcando fortemente relações de poder, exclusão e injustiças, que podem ser percebidas claramente nas entranhas do sistema carcerário atual.

As consequências mais nefastas do aperfeiçoamento da lógica da punição e violência aparecem atualmente no fenômeno do encarceramento em massa, especialmente no Brasil, em que vem se intensificando, e, como consequência, o país assume, atualmente, a posição do terceiro país do mundo que mais encarcera².

O encarceramento, especialmente na lógica punitivista, além de não atender suas finalidades de socialização, exaspera mais

2 Fonte: <https://www.prisonstudies.org/world-prison-brief-data>.

a violência nas relações sociais e de poder e se distancia muito dos princípios da *justiça restaurativa*.

Segundo Zehr, as prisões foram originalmente criadas como alternativas mais humanas aos castigos corporais e à pena de morte, porém “o encarceramento deveria atender as necessidades sociais de punição e proteção enquanto promovem a reeducação de seus ofensores”. (2008, p. 61)

Entretanto, as prisões, especialmente nos países com maior índice de pobreza, que podemos denominar como países do *sul global*³, além de não conseguirem atingir seu propósito maior - da inclusão social -, apresentam um ambiente extremamente degradado, seja pela taxa de lotação decorrente da superpopulação, seja pelo descaso com a criação de um ambiente propulsor de bem-estar. Essa degradação não é somente ambiental, ela também se faz presente nas inter-relações cerceadas de um poder que submete o outro, um poder que se funda no autoritarismo e na violência e que é identificado em todas as esferas relacionais, gerando, reproduzindo e reforçando mais violência e degradação dos valores humanos.

Sendo assim, nesse contexto, o paradigma restaurativo é um campo que atravessa inúmeras tensões, por desestabilizar uma mentalidade antiga, porém ainda presente, na qual a lógica da punição e violência é inerente. Tratar da justiça restaurativa no cenário dos mecanismos penais de privação e restrição de liberdade

3 A expressão *sul global* foi alcunhada por Boaventura de Souza Santos em sua obra *Epistemologias do Sul* e é utilizada metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que buscam reparar os danos e impactos históricos causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo, abarcando um conjunto de países que foram submetidos ao colonialismo europeu e que até hoje não atingiram níveis de desenvolvimento econômico semelhante ao do Norte global (Europa e América do Norte).

é um grande desafio, além de um campo ainda muito incipiente em termos de estudos e práticas restaurativas, apesar de emergentes.

3. FLORESCER: PLANTANDO NOVAS SEMENTES

A experiência — facilitada pelas autoras — que será apresentada, iniciou com a notícia da construção, em Piraquara/PR, de um projeto para criação do Centro de Integração Social (CIS), que trata de uma unidade de progressão feminina vinculada ao Departamento Penitenciário (Depen-PR) da Secretaria de Segurança Pública do Governo do Estado do Paraná. A ideia nasceu a partir da exitosa experiência com as unidades de segurança mínima, denominadas *unidades de progressão*, idealizadas a partir de uma parceria entre o Grupo de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário e Socioeducativo do Paraná (GMF) e o Depen-PR.

A decisão para instalação das *unidades de progressão* (UP) surgiu da necessidade de construir uma nova visão de política penitenciária, com base nos fundamentos principiológicos e filosóficos da justiça restaurativa, que priorizasse projetos que se destinam a humanizar a ambiência prisional e a eliminar o estado de coisas inconstitucional⁴ e o tratamento degradante que caracterizam o atual cenário.

Nesse sentido, o CIS passou a ser construído a partir de processos colaborativos, com a participação ativa de diversos atores na

⁴ Considera-se como estado inconstitucional de coisas um conjunto de violações sistêmicas de direitos fundamentais, decorrentes de um estado de inércia ou de incapacidade continuada e recorrente do poder público, o que torna difícil a modificação da conjuntura instalada.

construção de soluções inovadoras e humanizantes para o sistema, por meio de processos que promovem o engajamento de equipes.

Assim, apresentar-se-á a seguir o processo de construção do projeto de criação do CIS, trazendo conceitos da base teórico-filosófica-metodológica atrelados à experiência.

3.1. CONSTRUÇÃO DO PROJETO

O grupo de trabalho que atuou no processo de ideação do Centro de Integração Social (CIS) foi composto por servidores do Depen-PR, por psicólogos, assistentes sociais e servidores do Poder Judiciário Paranaense - especialmente do GMF-PR - e por mulheres privadas de liberdade. Os encontros aconteceram semanalmente, de forma *online*, no período de junho a setembro de 2020.

Para dar início à construção, foi utilizado o *Design Thinking* (DT), que é uma abordagem colaborativa de solução de problemas complexos, em que o ser humano é colocado no centro do processo. O DT fundamenta-se em três pilares: empatia, colaboração e prototipação. O desenvolvimento, assim, deu-se em três etapas: imersão, ideação e prototipação.

Na imersão, com o objetivo de levantar os valores, crenças e contextos das *personas* do projeto - mulheres privadas de liberdade, familiares, servidores do Depen-PR e comunidade local -, foram construídos, em grupo, *mapas da empatia*, ferramenta do DT para aproximação empática do público-alvo envolvido no projeto. Além disso, foi realizado um círculo com mulheres privadas de liberdade, para compreender os valores e as necessidades presentes no contexto de privação de liberdade.

Desse modo, foi possível construir uma visão mais abrangente e sistêmica do problema. Por fim, essa fase foi concluída com o levantamento e a conceituação dos valores que nortearam a construção do CIS. A partir de técnicas de *brainstorming* e *brain-writing*, o grupo pensou em 43 valores, que, em rodas de debate, foram reduzidos a 10 essenciais: Valorização, Credulidade, Efetividade, Humanização, Justiça, Corresponsabilidade, Criatividade, Comunicação assertiva, não violenta e compassiva, Sociabilidade e Governança Sustentável.

Iniciou-se, então, a fase de ideação, ou seja, de criação de soluções para o CIS. Primeiramente, os integrantes nomearam e descreveram individualmente suas ideias em uma ferramenta do DT chamada *folhas de ideias*, cujo objetivo é gerar um rol de ideias. A partir disso, foram realizados diversos diálogos, com a apresentação das *folhas* e a integração e aperfeiçoamento das ideias por todo o grupo. Com isso, construíram-se 31 soluções, que foram posicionadas em uma matriz de tempo, para serem implementadas em curto, médio ou longo prazo⁵.

Na sequência, as ideias foram agrupadas em sete eixos de trabalho: 1. parcerias para autogestão sustentável; 2. autocuidado e bem-estar; 3. transformação de conflitos; 4. oficinas comunitárias e de aprendizado; 5. mulheres fazendo arte: uma proposta de cooperativa; 6. oficinas de profissionalização; e 7. sociedade de aprendizado.

Em seguida, foi feita a escolha do eixo que seria desenvolvido de imediato, através de uma metodologia baseada na Demo-

⁵ Neste momento, iniciaram-se encontros com possíveis parceiros, buscando viabilizar as ideias do projeto, num processo chamado de *ampliação da rede social organizacional* ou *articulação de redes*.

cracia Profunda⁶, metodologia que exalta a importância de se ouvir e considerar todas as vozes dentro de um processo. O eixo escolhido foi o de *transformação de conflitos*, composto pelas seguintes ideias: 1. círculos de construção de paz; 2. oficinas de comunicação não violenta; 3. programa de justiça restaurativa; 4. espaço de fala e escuta. 5. espaço de diálogo; e 6. grupo de mútua-ajuda.

O planejamento para implementação do eixo iniciou com o *círculo dos sonhos*, dinâmica que faz parte do *Dragon Dreaming*⁷ e que tem o objetivo de transformar sonhos individuais em sonhos coletivos, gerando, assim, motivação, engajamento e senso de comunidade.

Após o compartilhamento dos sonhos, eles foram lidos em voz alta e de maneira prospectiva, de modo que os ouvintes pudessem imaginar seus sonhos sendo concretizados no futuro. Essa metodologia é chamada de *conferência do futuro*. O passo seguinte foi a construção colaborativa da *frase de impacto* (*Dragon Dreaming*), que representa a visão do grupo sobre o eixo de *transformação de conflitos*:

Ser um espaço voltado à transformação de conflitos, a partir de uma nova visão, individual e coletiva, por meio do diálogo, da compreensão mútua, trazendo mudanças internas e externas, advindas do autoconhecimento, da promoção de uma cultura da paz e da não violência, possibilitando o desenvolvimento integral de cada pessoa.

6 Proposta por Arnold Mindell, consiste ao mesmo tempo em uma metodologia e um paradigma, que busca acolher diversas percepções de realidade.

7 Dragon Dreaming é uma proposta colaborativa de construção de projetos, idealizada por John Croft, especialista em empreendimentos e projetos sustentáveis, que inclui quatro fases: sonho, planejamento, realização e celebração.

Então, o grupo, com técnicas de *brainstorming* e *brainwriting*, levantou as tarefas necessárias para implementação das soluções e as agrupou no *karabirrdt*, metodologia utilizada no *Dragon Dreaming* e que propicia, pedagogicamente, a percepção sistêmica, a partir da interconexão entre as tarefas. Após, foram levantados os pontos negativos e obstáculos à execução e à manutenção do projeto (gestão de riscos), a partir de uma metodologia chamada *opositores ativos*, fundamentada na técnica dos 6 chapéus⁸, de Edward de Bono.

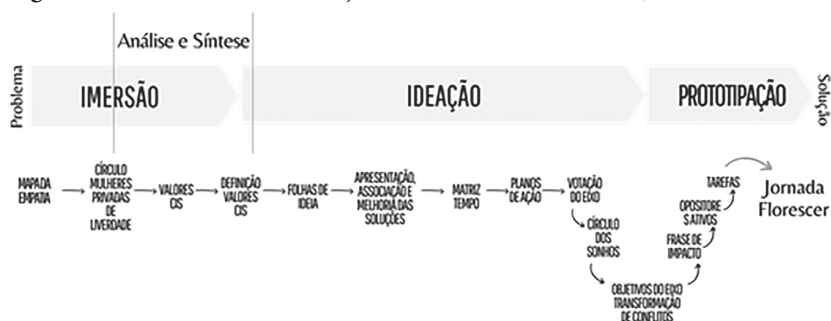
A despeito da utilização do *karabirrdt* e com o objetivo de organizar as tarefas, o grupo, por meio de uma metodologia inspirada no *hexagon mapping*⁹, organizou as tarefas em agrupamentos; cada agrupamento cumpriria um propósito do eixo. Por fim, os agrupamentos de tarefas foram organizados na forma de *papéis organizacionais* - estruturas que contêm um propósito, tarefas e responsabilidades.

Disso, então, os protótipos começaram a ser criados e testados dentro do eixo *transformação de conflitos* e, entre eles, a *Jornada Florescer*, programa que reúne várias propostas teórico-metodológicas como *círculos de construção de paz*, *comunicação não violenta*, *culturas regenerativas*, *trabalho que reconecta*, *justiça restaurativa* e *processos dialógicos*.

8 Essa técnica ajuda a desenvolver o pensamento lateral, a partir da inteligência, experiência e conhecimento de todos os membros da equipe.

9 Ferramenta que ajuda a explorar o entendimento intuitivo e visual, a partir de conexões, lineares ou não, formando agrupamentos que ajudam na exploração de situações complexas. Com essa técnica, é possível encontrar novos padrões relacionais.

Figura 1 - Processo de Construção do CIS e nascimento da Jornada Florescer



Fonte: Elaborado pelas autoras

A criação coletiva não seguiu um único caminho, uma única metodologia, conforme se observa na figura 1, nem se baseou em certezas fechadas, porque ela emerge da inteligência coletiva, que tem caráter vasto, intuitivo e complexo na busca de objetivos. Não quer dizer, entretanto, que o processo colaborativo não tenha um norteador; tem e é fundamental para que resultados sejam alcançados.

3.2 PROGRAMA FLORESCER: Jornada de Justiça Restaurativa e Regenerativa

O Programa Florescer foi criado, então, a partir do processo de construção colaborativa do Centro de Integração Social, unidade prisional de progressão feminina, com a intenção de contribuir com a construção de relações e sistemas mais saudáveis e sustentáveis, a partir da base filosófica e principiológica da não violência e da *justiça restaurativa*.

A intenção inicial era fortalecer espaços para o desenvolvimento de competências e habilidades de cooperação, diálogo,

reconciliação, transformação de conflitos e, sobretudo, cocriar com as mulheres privadas de liberdade um espaço seguro para ingressar em uma jornada de autoconhecimento, regeneração, escuta e diálogo.

Como já mencionado, essa jornada foi construída com base na filosofia da *justiça restaurativa*, alinhada principalmente às ideias de Elizabeth Elliott, que a compreende como um novo paradigma na construção de sociedades saudáveis, partindo de um novo padrão relacional, com base no significado de justiça trazido pela expressão hebraica *tsedaká* (justiça), um conceito comunitário que contempla o encontro de pessoas envolvidas em um conflito e que buscam resolvê-lo de forma que gere bem-estar coletivo, buscando a pacificação e a reconciliação de relacionamentos dilacerados. A ideia central do sentido *tsedaká* para as pessoas e suas relações é conseguir, por meio do diálogo, alcançar a pacificação.

A Jornada Florescer também teve como base as ideias de Joanna Macy, de recuperação do tecido social fragilizado pela própria sociedade de crescimento industrial, buscando desenvolver novas competências e habilidades que contribuam para sustentar a vida, a partir da compreensão da nossa interdependência e do desenvolvimento de uma inteligência ecológica¹⁰.

Ademais, a Jornada Florescer se inspirou em outras cinco teorias propulsoras do processo de mudança e que se complementam: a *jornada do herói*, a *roda da medicina*, a *roda da mudança*, a *Teoria U* e o *trabalho que reconecta*, as quais serão explicadas a seguir.

10 O termo *ecologia* tem o sentido do estudo das interações entre os seres vivos e deles com o meio ambiente.

A jornada do herói foi idealizada por Joseph Campbell (2007)¹¹, que, a partir de seus estudos, encontrou um padrão nas narrativas de vários povos, o monomito¹², que vive uma jornada de transformação, adquirindo sabedoria a ser repassada para o futuro da humanidade. O monomito é a reprodução simbólica da vida do homem, que enfrenta obstáculos e perigos e renasce em outro patamar de consciência. Didaticamente, a jornada se divide em três fases, com um total de 12 etapas: 1. *A separação do mundo conhecido*: o mundo comum; o chamado à aventura; a recusa ao chamado; o encontro com o mentor. 2. *A iniciação do herói no mundo desconhecido*: cruzamento do primeiro limiar; testes, aliados e inimigos; aproximação da caverna profunda; provação suprema; recompensa. 3. *Retorno do herói ao mundo comum*: caminho de volta; ressurreição; retorno com o elixir.

O chamado à aventura, proposto por Campbell (2007), pode ser visto como um convite para adentrar a um universo interior, uma jornada de autoconhecimento, que se dá pela interação consigo e com o outro.

Nesse sentido, contribui, didaticamente, para compreensão mais profunda do alicerce do processo circular, metodologia utilizada em grande parte da *Jornada Florescer*, que está na *roda da medicina*, cujos fundamentos originam-se nos saberes ancestrais, especialmente advindos dos nativos do Canadá. Na *roda da medicina* estão presentes as dimensões da experiência humana - física, mental, emocional e espiritual -, mas também as dimensões do processo de interação individual e coletiva, representada por qua-

11 Antropólogo e escritor norte-americano que dedicou a vida ao estudo das civilizações, religiões e mitos, de inúmeros lugares e épocas.

12 Esse é o herói por trás das narrativas e heróis míticos e históricos: Perséfone, Cronos, Atlas, Jesus, Napoleão, Krishna, Buda.

tro quadrantes: a) a conexão consigo mesmo; b) a conexão com o outro; c) criar espaços para tratar de temas difíceis; d) coconstruir planos e soluções.

A importância da *roda da medicina* se dá justamente nesse chamado para uma jornada de reconexão consigo e com o outro, a partir de um processo relacional mais autêntico e menos robotizado. Esse processo de interação consigo e com o outro faz parte da dimensão do coração, que busca adentrar em bases axiológicas da essência humana e que é fundamental para a criação de um espaço coletivo propício para cocriação de novos experimentos e significados.

Comumente, ao nos depararmos com situações difíceis ou conflituosas, não observamos os dois primeiros quadrantes (dimensão do coração), vamos direto para a dimensão da razão (tratar dos problemas difíceis e buscar soluções). Porém, para criar algo no mundo, em colaboração, é necessário atingir níveis mais profundos de consciência, o que somente é possível a partir de uma conexão profunda consigo e com o outro. Se não for assim, a tendência é reproduzir mais do mesmo.

Essa proposta de conexão consigo dialoga também com a proposta desenvolvida por Otto Scharmer¹³, chamada de *Teoria U*, que oferece caminhos para que as pessoas suspendam os hábitos enraizados na consciência, pois isso influencia a maneira como atuamos no mundo. Nesse sentido, Scharmer (2020, p. 16) esclarece que “a qualidade dos resultados em qualquer sistema social é uma função da consciência a partir da qual as pessoas nesse sistema

13 C. Otto Scharmer é professor sênior no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e cofundador do Presencing Institute e do MITx u.lab. Com seus parceiros de trabalho, facilitou laboratórios de inovação para reinventar negócios, finanças, educação, saúde e governo em diversos lugares.

operam”. Isso indica, por outro lado, que os indivíduos, grupos e organizações podem qualificar a conexão com o outro, com o meio e com eles mesmos, criando ambientes generativos.

O ‘U’ representa “vencer uma ruptura”, passando por quatro níveis de consciência, chegando ao estado de *presencing* e atingindo o estado regenerativo (e generativo), em que é possível estar em profundo contato com o outro, com o sistema e com o futuro que deseja emergir. Nesse estágio, a nível individual, o autor chama de *atenção plena* e, em grupo, de *diálogo*. E, para isso, os indivíduos precisam de três instrumentos:

Mente aberta é a capacidade de suspender velhos hábitos de julgamento - ser com novos olhos. *Coração aberto* é a capacidade de ter empatia e olhar uma situação através dos olhos de outra pessoa. *Vontade aberta* é a capacidade de “deixar ir” o antigo e “deixar vir” o novo. (SCHARMER, 2020, p. 25)

Esse processo também tem seus fundamentos no *trabalho que reconecta*, proposto por Macy e Brown, cujo propósito é

(...) ajudar as pessoas a descobrirem e vivenciarem suas conexões inatas uma com as outras e com os poderes sistêmicos e de autocura da rede da vida, para que possam se animar e se motivar a representar seu papel na criação de uma civilização sustentável. (2004, p. 82)

O propósito central é que as pessoas criem uma nova relação com o seu mundo e que façam parte da *Grande Virada*, contribuindo com a criação de uma sociedade que promove e sustenta a vida.

As teorias apresentadas implicam em processos de mudanças, que poderíamos denominar de mudanças cognitivo-comportamentais e que abrangem uma dimensão sistêmica das interações individuais e coletivas.

Como forma de melhor elucidar esses processos de mudanças, foi utilizada a proposta dos psicólogos James Prochaska e Carlo Diclemente (2001), a partir do estudo das motivações para mudanças de ordem cognitivo-comportamental, cujo esquema conceitual foi denominado como *roda da mudança*, representada em seis estágios (MILLER; ROLLNICK, 2001).

A *Pré-contemplação (pré-ponderação)*, é o ponto de partida, no qual a pessoa ainda não considera a possibilidade de mudança.

Já a *Contemplação (ponderação)* é o início da tomada de consciência dos entraves, dos problemas que o seu comportamento gera; é um estágio de ambivalência, pois tanto considera a mudança como a rejeita.

Na fase da *Determinação ou Preparação*, a pessoa tem uma visão mais clara dos seus problemas e já consegue vislumbrar possíveis soluções; é semelhante a uma janela que se abre para novas oportunidades.

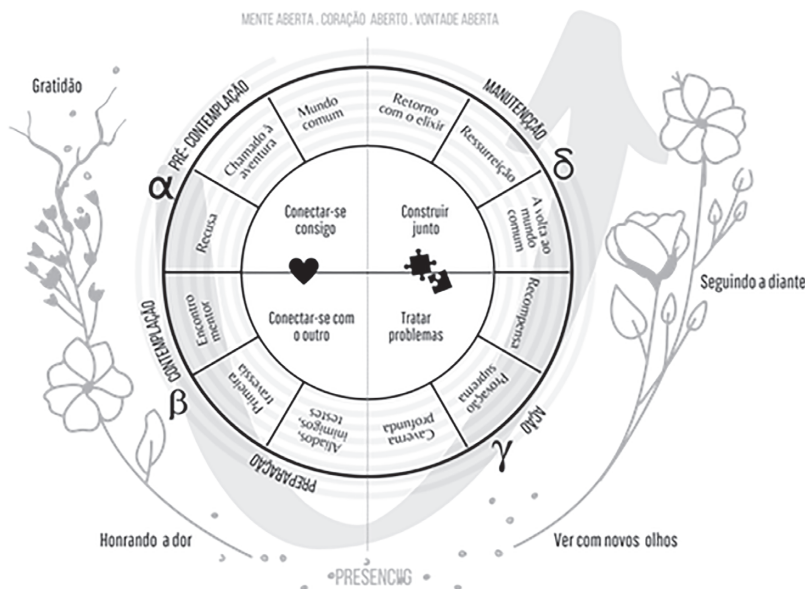
A *Ação* é a fase do engajamento, em que o indivíduo coloca em prática seus esforços para a mudança; esta fase exige comprometimento e perseverança.

Na *Manutenção*, destaca-se que fazer mudanças não garante a manutenção do novo comportamento, portanto esta etapa exige um conjunto de habilidades e estratégias para que não haja recaídas.

E, por fim, a *Recaída* é quando não se consegue manter o neocomportamento, a pessoa precisa recomeçar o processo, ou seja, volta a circular a roda ao invés de ficar imobilizada.

As cinco teorias apresentadas foram integradas na figura 2, como forma de melhor elucidar a complementaridade entre elas, bem como demonstrar o processo no qual a *Jornada Florescer* se fundamenta.

Figura 2. Compilação da base teórico-metodológica do Programa Florescer



Fonte: Elaborado pelas autoras

O programa é, portanto, um chamado à aventura, ao enfrentamento de obstáculos e problemas, à reflexão, ao autoconhecimento, à autoconexão, à conexão com o outro, à construção de uma nova visão de mundo, à formação de relações saudáveis e

regenerativas e ao compartilhamento, com o mundo, de novas ideias e formas de se relacionar.

Como mencionado, essa jornada tem como metodologia principal o processo circular, que se utiliza de alguns recursos, como o objeto da fala, para organizar o diálogo (processo de fala e escuta), conferindo a todos o direito de se expressar, de ter voz e vez. Essa prática, além da organização do grupo, resulta em horizontalidade, inclusão, fortalecimento das relações, senso de comunidade, entendimento mútuo e um lugar seguro para conectar-se consigo e com o outro. Os principais elementos do círculo são a forma circular de organização, o objeto da fala, as cerimônias de abertura e fechamento, a facilitação, as perguntas norteadoras e a peça de centro¹⁴.

O primeiro tema abordado na jornada é a própria *justiça restaurativa*, com o propósito de ressignificar a concepção de justiça, aproximando-se do conceito hebraico de *tsedaká*, que significa a busca de solução dos conflitos por meio de um diálogo que possa gerar bem-estar coletivo e restaurar as relações dilaceradas. Ademais, ainda dentro do tema justiça restaurativa, são apresentados os esquemas mentais de motivações extrínsecas (pautadas na lógica da punição recompensas - justiça retributiva) e motivações intrínsecas (de base axiológica - justiça restaurativa), em um convite para a (re)descoberta de valores pessoais evolutivos que contribuem na tessitura de uma rede social que gere maior bem-estar a todos.

Para tanto, aborda-se também o tema mudança de paradigmas, fundamentado nos estudos de Fritjof Capra (2006) sobre

14 Os processos circulares de construção de paz foram criados e desenvolvidos por Kay Pranis, instrutora internacional de Justiça Restaurativa e de Processos Circulares de Construção de Paz. A obra em que a autora descreve e detalha a metodologia é o livro *Processos circulares: teoria e prática*.

paradigma social e por meio de vivências dialógicas com base no trabalho de David Bohm (2005).

As contribuições de David Bohm (2005) consistem nos estudos acerca das diferentes percepções da realidade, denominadas pressupostos, que estão atreladas ao mundo interno e externo e que se fundem com elementos da memória para produzir representações, que são geradas por diversos filtros mentais - neurológico, social, emocional, cultural e individual. Assim, as percepções diversas de uma mesma realidade podem resultar em conflitos, o que implica na dificuldade de diálogo, na medida em que os pressupostos, quando questionados, desencadeiam uma carga emocional e, nesse momento, é comum que as pessoas sintam o seu “eu” atacado e não percebam que o que está sendo questionado é apenas o pressuposto.

Para Bohm (2005), o propósito do diálogo é promover um livre fluxo de significados. Sua prática revela a compreensão da consciência em si mesma, melhora a comunicação entre as pessoas, permite a observação compartilhada da experiência e a produção de percepções e ideias novas.

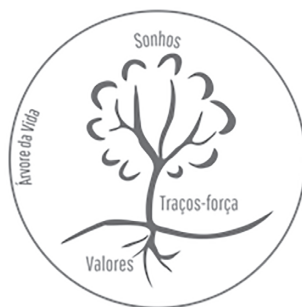
Logo após, a *roda da mudança*, a *roda da medicina* e a *jornada do herói* são apresentadas, e as mulheres são convidadas a criar e compartilhar com o grupo uma heroína, a partir da própria história e daquilo que querem construir, no futuro, após a passagem pelo sistema prisional. Inicia-se, assim, uma jornada de conexão consigo e com o outro, por meio da cooperação.

Para refletir sobre novas formas de se relacionar, inicia-se de maneira introdutória o tema da comunicação não violenta, que consiste em observar as situações com maior consciência sobre

nossas emoções e impressões, separando fatos de julgamentos e sentimentos de necessidades. O objetivo é se expressar de forma autêntica, explicitando necessidades e formulando pedidos legítimos. Com isso, evita-se julgamentos moralizadores (o que impede o processo de escuta), comparações com outras pessoas e negação da própria responsabilidade (pois, ao julgar, transferimos a culpa ao outro). Neste momento, são realizadas dinâmicas e jogos.

Como produto final dessa jornada, as mulheres são convidadas a construir suas árvores da vida. A árvore da vida tem inúmeros significados, porém, no contexto da Jornada, ela representa aquilo que faz a vida ter significados importantes. Então, sua estrutura é composta por: a) uma base axiológica, caracterizada pelas raízes, que crescem e se desenvolvem nutridas por valores pessoais que contribuem com o processo evolutivo espiritual, mental e emocional; b) uma base de competências e habilidades sociais, que é o tronco, cujos traços mais fortes contribuem para dar sustentação aos projetos de vida; e c) uma base onírica, que é a copa da árvore, composta por sonhos, planos e ideações pretéritas, por aquilo que se deseja alcançar.

Figura 3 - Representação gráfica da árvore da vida



Fonte: Elaborado pelas autoras

A dinâmica da árvore da vida consiste, em um primeiro momento, em convidar os participantes a desenharem uma árvore com raízes em um papel e, em seguida, identificarem os valores que consideram mais importantes, aqueles que dão sustentação à vida e às interações, escrevendo-os na raiz da árvore.

Na segunda rodada, as principais qualidades de cada participante são levantadas pelos demais, enquanto a pessoa cujos traços fortes estão sendo levantados fica de olhos fechados, buscando uma conexão mais profunda com o que escuta.

E, no terceiro momento, é solicitado que cada participante identifique em si os traços-fortes que são mais representativos em sua personalidade e que os escreva no caule da árvore.

Por fim, cada participante é convidado a pensar em seus sonhos, como gostaria de estar daqui 5 ou 10 anos, e, após, a escrevê-los na copa da árvore, que representa o crescimento, a superação, a transformação e a evolução. Em cada uma das etapas, os participantes também compartilham com o grupo o que inseriram na árvore. Por fim, é feita a *conferência do futuro*, em que os sonhos são lidos em voz alta, por um facilitador, de maneira prospectiva.

Ao final da jornada, as mulheres compartilham suas percepções sobre a *Jornada Florescer* e refletem sobre o que querem levar para suas jornadas pessoais dentro e fora do sistema carcerário e sobre o que podem compartilhar com outras pessoas, como novas agentes da mudança. Recebem também um certificado de participação na jornada, cujas horas também contribuem para remição da pena.

Para que haja continuidade e manutenção do processo iniciado pela *jornada florescer*, que contém 16 horas de duração, são oferecidos círculos de construção de paz periodicamente para as mulheres privadas de liberdade, buscando manter esse espaço de diálogo e conexão, com poder transformativo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: NOVOS HORIZONTES

A partir das bases filosóficas e principiológicas da *justiça restaurativa*, que fizeram parte da construção e funcionamento do CIS, especialmente pela sua natureza cooperativa e dialógica, verificou-se a formação de um padrão relacional pautado pela horizontalidade e corresponsabilização, possibilitando que o processo pudesse contar com as experiências, competências e habilidades de todos os participantes, gerando, ao fim, um ambiente mais acolhedor e propulsor de bem-estar coletivo.

Isso porque, conforme destaca Barb Toews (2019), as bases da *justiça restaurativa* ajudam no processo de reparação e reconstrução de pessoas e relacionamentos, regenerando ambientes e pensamentos, curando traumas, reconstruindo as redes sociais pessoais e criando espaços para compreensão, cura e pertencimento. Enfim, as ações são voltadas em favor da vida e da regeneração, criando bem-estar individual e coletivo.

Ademais, as propostas de construção tanto do projeto do Centro de Integração Social como da Jornada Florescer tiveram sua base constitutiva na pedagogia da cooperação, um processo de construção de práticas conscientes, que possibilitou aprendiza-

dos e o desenvolvimento de relacionamentos colaborativos para construir projetos, solucionar problemas, transformar conflitos e realizar objetivos comuns de maneira eficiente, sustentável e saudável para todos.

Assim, transformando as pessoas que fizeram parte dessas construções, transformam-se, aos poucos, os espaços prisionais, em que a violência e a lógica da punição, da dominação e do tratamento desumanizado estão presentes e em que não se permite o atendimento adequado às necessidades humanas. Ou seja: espaços vinculados a uma cultura de morte. Nesse ambiente degradado e de superencarceramento, o aprendizado e o propósito da privação da liberdade - a “reabilitação social” - não podem ser alcançados, pois todo processo punitivo, além de causar dor, medo e humilhação, gera muitas vezes incapacitação e revolta, não atingindo os objetivos esperados pelo sistema penal.

Nesse sentido, a *justiça restaurativa* torna-se importante fundamento para romper com o paradigma retributivo e meramente punitivo, que já se mostrou ineficaz, especialmente no contexto prisional. Entretanto, foi verificado, no processo de construção do projeto do CIS e da Jornada Florescer, que as bases de uma nova cultura restaurativa, não violenta e regenerativa não podem originar de um *poder sobre*, algo imposto ou determinado por lei, mas de um *poder com* o outro, em um processo coletivo, dialógico, cooperativo e transformativo em perene construção, cujos efeitos podem ter impactos sistêmicos nas dimensões individual, coletiva e planetária.

REFERÊNCIAS

BARATTA, Alessandro. **Criminologia Crítica e a Crítica do Direito Penal**: introdução à sociologia do direito penal. 3. ed. Trad. Juarez Cirino dos Santos. Rio de Janeiro: editora Revan, 2002.

BOHM, David. **Diálogo**: comunicação e redes de convivência. Trad. Humberto Mariotti. São Paulo: Palas Athena, 2005.

BONO, Edward de. **Os seis chapéus do pensamento**. Tradução William Lagos. Rio de Janeiro: Sextane, 2008.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

CHRISTIE, Nils. **Limites à dor**: O papel da punição na política criminal. Vol. 1. Coleção Percursos Criminológicos. Belo Horizonte: D'Plácido, 2018.

ELLIOTT, Elizabeth M. **Segurança e Cuidado**: justiça restaurativa e sociedades saudáveis. Trad. Cristina Telles Assumpção. São Paulo: Palas Athena, 2018.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MACY, Joanna; BROWN, Molly Young. **Nossa vida como Gaia**: práticas para reconectar nossas vidas e nosso mundo. Trad. Marcello Borges. São Paulo: Gaia, 2004.

MILLER, William R.; ROLLNICK, Stephen. **Entrevista Motivacional**: Preparando as pessoas para a mudança de comportamentos adictivos. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PRANIS, Kay. **Processos circulares**. São Paulo: Palas Athena, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Série conhecimento e instituições. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SCHARMER, Otto. **O Essencial da Teoria U**: princípios e aplicações fundamentais. Curitiba: Voo, 2020.

TOEWS, Barb. **Justiça Restaurativa para pessoas na prisão**. Trad. Ana Sofia Schmidt de Oliveira. São Paulo: Palas Atenas, 2019.

WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ZEHR, Howard. **Trocando as lentes**: um novo foco sobre o crime e a justiça. Trad. Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2008.

